**Uma imagem com texto, cartão-de-visita

Descrição gerada automaticamente1.º DOMINGO DA QUARESMA C 2022**

**RITOS INICIAIS**

**Procissão e Cântico de entrada | Saudação inicial**

P. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, impelido pelo Espírito Santo, à comunhão com o Pai, esteja sempre convosco.

R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

**Monição inicial:**

**P.** *Este é o tempo favorável.*Desde a passada Quarta-feira de Cinzas, ressoa nos nossos corações este fortíssimo apelo: aproveitemos o tempo favorável: o tempo favorável do nosso caminho quaresmal e o tempo favorável do percurso sinodal, para ampliarmos a escuta: a escuta silenciosa de Deus na sua Palavra, a escuta recíproca entre nós, a escuta humilde da realidade, que nos desafia a discernir os atalhos a evitar e o Caminho a seguir. Para isso, somos impelidos, tal como Jesus, pelo Espírito Santo, a entrar no deserto da solidão, do silêncio, da oração, da escuta e da purificação, para prosseguirmos juntos por um Caminho novo.

**Ato Penitencial:**

P. Comecemos então por nos desmascararmos a nós próprios, com a nossa falsa liberdade, com as nossas ambiguidades e agressividades. Confessemos as vezes que caímos na tentação da posse desmedida, da glória mundana, da manipulação de Deus em benefício próprio. Confessemos todos os nossos pecados: R. Confesso a Deus todo-poderoso…

**Kyrie** (cantado) | **Oração coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

1.ª leitura | Salmo | 2.ª leitura | Aclamação ao Evangelho | Evangelho | Homilia inspirada na Nota Pastoral dos Bispos do Porto para a Quaresma e na nossa caminhada quaresmal.

**Homilia no 1.º Domingo da Quaresma C 2022**

**1.** *Eis o tempo favorável.* E é-nos favorável, pelo menos, em cinco sentidos. *Tempo favorável,* pela oportunidade de renovação pessoal e pastoral, que a Quaresma sempre nos oferece, neste caminho que nos conduz à Páscoa. *Tempo favorável,* pela promessa de renascimento natural, nesta Primavera que já se anuncia. *Tempo favorável* pelo tão desejado alívio das restrições à convivência, nesta fase final da pandemia. *Tempo favorável*, pelo processo sinodal que está em marcha, mas que agora terá mais condições, de espaço e de tempo, para se desenvolver. E se nada mais houvesse – queridos irmãos e irmãs – o drama e a tragédia da guerra na Ucrânia, fazem desta hora terrível da nossa história um *tempo favorável* para intensificar a oração que desarma o coração, para semear e praticar o bem sem esmorecer (cf. Gl 6,9-10), para jejuar como sinal de compaixão solidária com todas as vítimas da guerra, da fome, da injustiça. Sim. Por esta mão-cheia de sentidos, este é realmente o tempo favorável…

**2.** Acentuemos, porém, a afinidade entre o tempo favorável da Quaresma e o tempo favorável do percurso sinodal em marcha. Que têm em comum? Ambos são *tempo favorável* para a escuta, em ordem ao discernimento das nossas escolhas pessoais e pastorais, dos atalhos a evitar, do Caminho a seguir. A isso mesmo nos desafia o exemplo dado por Jesus no deserto. A esse lugar, de isolamento e sem ruídos, a esse lugar de silêncio e de provação, é impelido Jesus pelo Espírito Santo. E ali, Jesus é tentado a seguir a Sua vida e a Sua missão, por Sua própria conta e risco, por atalhos rápidos e fáceis, renegando a Sua condição de Filho. Ali Jesus confronta-Se com as suas escolhas; ali deve discernir se tais promessas messiânicas de poder, de triunfo e de glória, vêm do Espírito Santo ou do espírito do mundo. Jesus não dialoga nem negoceia com o diabo. Escuta e responde sempre com a Palavra de Deus. À luz dessa Palavra, Jesus desmascara a mentira do Tentador e faz a sua escolha decisiva: seguir pelo caminho novo da Cruz.

**3.** Também nós, nesta Quaresma e no contexto do processo sinodal em curso, precisamos de deserto, de dar mais espaço ao silêncio, à escuta recíproca e à ação do Espírito Santo, para discernirmos, isto é, para interpretarmos bem os desejos do nosso coração, para sabermos bem por onde ir ou por onde não ir. O discernimento é necessário, sobretudo neste tempo que nos “*oferece enormes possibilidades de ação e distração, sendo-nos apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas. Todos, mas especialmente os jovens, estão sujeitos a um zapping**constante. É possível navegar simultaneamente em dois ou três écrans e interagir ao mesmo tempo em diferentes cenários virtuais. Sem a sabedoria do discernimento, podemos facilmente transformar-nos em marionetes à mercê das tendências da ocasião*” (GE 167). Já agora, libertemo-nos da dependência dos meios de comunicação digitais. Cultivemos uma comunicação humana feita de «encontros reais», face a face: voltemos com alegria à vida comunitária e à celebração presencial da Eucaristia.

**4.** Na nossa vida pessoal e na vida da Igreja, este discernimento é fundamental, quando, por exemplo, nos *aparece uma novidade.* Temos então de discernir se esta é *vinho novo* que vem de Deus ou se é *novidade enganadora* do espírito do mundo**.** Noutras ocasiões, acontece o contrário, porque as forças do mal induzem-nos a não mudar, a deixar as coisas como estão, a optar pelo imobilismo e a rigidez e, assim, impedimos que atue o sopro do Espírito Santo (cf. GE 168). Peçamos o dom sobrenatural do discernimento, para prosseguirmos juntos por um caminho novo.

**5.** A caminhada sinodal, que propomos a todos os grupos pastorais, aos pais com filhos na catequese, e ao povo de Deus em geral, seja a nossa principal penitência quaresmal. “*Que ninguém fique de fora. A escuta não é para reivindicar, acusar, denunciar, mas para discernir caminhos novos, para nós e para as nossas comunidades eclesiais”* (Bispos do Porto, Nota para a Quaresma 2022). Esta é a grande proposta desta Quaresma de 2022. Vamos agarrá-la?

*Este é o tempo favorável. E se não for este, que outro tempo o será?*

**Renunciação (opcional)**

**Monitor:** No Evangelho, tornava-se claro que a profissão de fé em Deus, único Senhor, implica renunciar à tentação de um Deus a nosso jeito. Façamos então a nossa renúncia, para que a nossa fé seja professada, com a boca e o coração.

**P.** Renunciais a satisfazer apenas a vossa fome de pão, para procurardes, na Palavra e na Eucaristia, uma resposta à fome de Deus?

**Todos:** **Sim, renuncio!**

**P.** Renunciais a procurar um poder mundano, que é domínio esmagador sobre os outros, para procurardes o poder da cruz, o poder da humildade e do amor, que salva o mundo?

**Todos: Sim, renuncio!**

**P.** Renunciais a manipular Deus, servindo-vos d’Ele, para os vossos próprios interesses, para o vosso próprio sucesso, de modo a procurardes somente a glória de Deus?

**Todos:** **Sim, renuncio!**

**Profissão de Fé | Credo dialogado (opcional)**

P. Antes de colocar no altar os frutos da terra e do trabalho do homem, somos chamados, como Povo de Deus, a professar a nossa fé.

P. Credes no Deus Criador, de quem recebemos e a quem oferecemos os frutos da terra, e que é também o libertador do Seu Povo? R. Sim, creio!

P. Credes em Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor e Vencedor do pecado e da morte? R. Sim, creio!

P. Credes no Espírito Santo, que impele a Igreja ao deserto do silêncio, para a escuta da Palavra, em ordem ao discernimento e seguimento do caminho do Senhor?

R. Sim, creio!

P. Credes na Igreja, mais gerada pelo Espírito, que gerida pelos homens, mais caminho de peregrinos que estacionamento de fiéis, mais casa do Povo de Deus em saída do que clube de praticantes?

R. Sim, creio!

P. Credes na Ressurreição e na salvação prometida a todos os que invocam o nome do Senhor e O reconhecem carente de misericórdia nos mais pobres? R. Sim, creio!

**Oração dos Fiéis** (inspirada na Mensagem do Papa para a Quaresma 2022)

P. Irmãos e irmãs: “*não nos cansemos de rezar, porque necessitamos de Deus. A ilusão de nos bastarmos a nós mesmos é perigosa. Se a pandemia nos fez sentir de perto a nossa fragilidade pessoal e social, permita-nos esta Quaresma experimentar o conforto da fé em Deus, sem a qual não poderemos subsistir*” (MPQ2022). Para que não desfaleça a fé com que oramos, oremos:

1. Pela Santa Igreja, em processo sinodal: para que este tempo favorável da Quaresma, seja vivido como uma caminhada de irmãos peregrinos, que se escutam e examinam no amor, para regressarem juntos à Casa do Pai, oremos, irmãos.
2. Pelos responsáveis políticos: para que façam um sério exame de consciência diante do Deus da Paz e Pai de todos, que nos faz irmãos e não inimigos, oremos, irmãos.
3. Pela Paz no mundo, pela Paz na Ucrânia: para que todas as partes envolvidas se abstenham de qualquer ação, que possa causar ainda mais sofrimento às populações, oremos, irmãos.
4. Pelos que passam necessidade, pelos sós, pelos mais pequenos e indefesos, pelos abandonados e desprezados, pelos discriminados e marginalizados: para que encontrem, nesta Quaresma, cristãos capazes de dar o seu tempo, a sua atenção, a sua palavra e os seus bens, oremos, irmãos.
5. Pela nossa comunidade paroquial: para que viva em ritmo sinodal este tempo favorável da Quaresma, na escuta silenciosa de Deus, na escuta recíproca entre irmãos e na escuta humilde da realidade, oremos, irmãos.

P. Senhor, Vós chamais-nos a semear o bem e dais-nos a confiança de que, a seu tempo, colheremos os frutos: ajudai-nos a não esmorecer na prática do amor fraterno, para que este tempo favorável nos faça saborear desde já a alegria do Reino dos Céus e dê frutos de salvação eterna. Por N.S. J. Cristo, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

Apresentação dos dons e ofertório | Cântico de ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio próprio do Domingo I da Quaresma | Santo | Oração Eucarística II | Aclamação cantada: *Mistério da Fé para a salvação do mundo:* *Glória a Vós, que morreste na Cruz e agora viveis para sempre! Salvador do mundo, salvai-nos. Vinde, Senhor Jesus.* | Ritos da Comunhão: Pai-Nosso, Embolismo, Fração do Pão, Cordeiro (cantado) | Distribuição e Cântico de comunhão | Oração depois da Comunhão

**RITOS FINAIS**

Agenda pastoral – cf. folha dominical

**Bênção | Despedida**

**Cântico final (ou instrumental)**



Uma imagem com texto

Descrição gerada automaticamente

Oração de bênção da mesa | 1.º domingo da Quaresma C 2022

Senhor, nosso Deus:

Tu espalhas generosamente

as sementes de bem na Humanidade.

Nós Te louvamos e bendizemos,

ao saborearmos os frutos da terra,

do amor e do trabalho humano.

Nós Te pedimos, ó Deus paciente:

ajuda-nos a semear e a praticar o bem,

a arrancar e a vencer todo o mal,

para uma colheita abundante

dos frutos do amor e da Paz,

em nossa casa, na Ucrânia e no mundo.

Ámen.

Uma imagem com texto, cartão-de-visita, gráficos de vetor, captura de ecrã

Descrição gerada automaticamente

**HOMILIAS**

**1.º DOMINGO DA QUARESMA C**

**1995-2019**

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 2019 - Adultos**

1. “*Quarenta dias para chegar a bom porto”* não é propriamente um programa de férias, *em modo* cruzeiro. Estes quarenta dias reportam-nos, entre outros, aos 40 dias de jejum vividos por Jesus, no deserto. Mas estes 40 dias ganham particular significado quando recordamos o apelo à conversão, que o profeta Jonas lançou outrora aos ninivitas: «*Dentro de quarenta dias Nínive será destruída*» (*Jn* 3,4). Não é uma ameaça. É a certeza de que o mundo não pode mudar se não mudarmos nós. É o dado adquirido de que a própria Natureza se vingará, se o homem pecador, dominador e devorador, não se converter em nova criatura, se não aprender a ser filho de Deus e, como tal, a viver como jardineiro e irmão da própria criação.

2. O apelo de Jonas contém um especial significado de urgência de salvação, de necessidade imperiosa de conversão, até mesmo de uma *conversão ecológica global (cf. LS* 18*)*, pois não se pode esperar “*um novo céu e uma nova terra*” (*Ap* 21,1), uma nova criação, sem um homem novo, sem que o ser humano se torne, em Cristo, “*uma nova criatura*” (*2 Cor* 5,17). Não se pode mudar a face da Terra, *sem restaurarmos a fisionomia da pessoa, o coração do cristão*. Esta *conversão ecológica*, que está no centro da Mensagem do Papa para a Quaresma, aparece bem clara no Livro de Jonas, quando se diz que “*os homens e os animais, os bois e as ove­lhas*” (*Jn* 3,7.8) se associaram à penitência e ao jejum. Toda a forma de vida que há sobre a Terra é solidária e depende do que realizam as mãos do ser humano.

3. Que fazermos então, nesta 1.ª semana da Quaresma, para chegarmos a bom porto, ou, se quisermos, para transformarmos o deserto da criação no jardim da comunhão (*Mc* 1,12-13; *Is* 51,3)? O Evangelho desmascara tentações e indica remédios.

**1.º** ***Não cair na tentação de transformar pedras em pão.*** Isto implica aceitar o pão como fruto da terra, do suor, da fadiga e do trabalho do homem. Não queiramos devorar tudo e satisfazer imediatamente todas as nossas necessidades materiais. Não devemos sequer manipular a semente, o grão ou o pão, mas respeitemos os processos naturais da própria criação. Para vencer esta tentação, façamos **jejum**. Sim, jejum! Sejamos radicais: vamos ao mais simples, ao mais natural, para **consumir apenas e só o essencial**. Entremos nesta *dieta*, não por cosmética corporal, mas para “*recuperar a nossa fisionomia e o nosso coração de cristãos*”.

**2.º** ***Não cair na tentação de nos julgarmos os donos disto tudo***. Quantas vezes sonhamos, no mais curto tempo, conquistar o maior espaço possível de poder sobre *todos os reinos da Terra*. Assim nos tornaríamos deuses e senhores absolutos do mundo. O remédio para esta tentação é o **culto da oração**. Quando rezamos, por exemplo, o Pai-nosso, o «eu» é uma palavra que desaparece do mapa. E Cristo volta ao leme da nossa vida. **Rezemos mais. Rezemos sempre**.

**3.º** ***Não cair na tentação da ilusão de um corpo sem limites*.** É grande a tentação de violar os próprios limites da natureza humana e de querer *transformar todo o desejo em direito,* numa ambição desmedida e egoísta de bem-estar pessoal. O melhor remédio, para isto, é sair de si mesmo, ao encontro do outro, é estender a mão, é **partilhar o pão**, que se recebe, se agradece e se oferece ao outro, como um dom. **Gastemos menos connosco. Dêmos mais aos demais que têm de menos**.

4. Irmãos e irmãs: a criação espera ansiosamente que aprendamos a viver na gloriosa liberdade dos filhos de Deus (cf. *Rm* 8,19). Porque, quando tal acontecer, ganharão todos, ganharás tu, ganhará o teu irmão e ganhará, em beleza e harmonia, a própria criação.

5. “*Quarenta dias para chegar a bom porto”.* É bem tempo – meu irmão, minha irmã – de entrares neste *cais de partida*, para sermos poupados ao caos da destruição, para que seja salva a humanidade e a criação. Não fiques em terra, que dos 40 dias, três… já lá vão!

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 2019 - Missa com Catequese**

1. “*Quarenta dias para chegar a bom porto”* não é propriamente um programa de férias, *em modo* cruzeiro. Estes quarenta dias reportam-nos, entre outros, aos 40 dias de jejum vividos por Jesus, no deserto. Mas estes 40 dias ganham particular significado quando recordamos o apelo à conversão, que o profeta Jonas lançou outrora aos ninivitas: «*Dentro de quarenta dias Nínive será destruída*» (*Jn* 3,4). Não é uma ameaça. É a certeza de que o mundo não pode mudar se não mudarmos nós. Sabemos bem que a própria Natureza se vingará, se o homem pecador, dominador e devorador, não se converter em nova criatura (*2 Cor* 5,17), se não aprender a ser filho de Deus e, como tal, a viver como jardineiro e irmão da própria criação.

2. Esta *conversão ecológica* (esta mudança de atitude, em relação ao mundo que nos rodeia) está no centro da Mensagem do Papa para a Quaresma e aparece bem clara no Livro de Jonas, quando se diz que “*os homens e os animais, os bois e as ove­lhas*” (*Jn* 3,7.8) se associaram à penitência e ao jejum. Toda a forma de vida que há sobre a Terra é solidária e depende do que realizam as mãos do ser humano*.* Não se pode, portanto, mudar a face da Terra, *sem restaurarmos a fisionomia da pessoa e o coração do cristão*.

3. Nesta 1.ª semana da Quaresma, damos entrada no **cais de partida**. Como diz o ditado popular: “*Se vais para o mar, avia-te em terra*”. Quais as recomendações do Evangelho, ao entrarmos nesta viagem, para chegarmos a bom porto?

**1.º** Ter uma **alimentação sóbria**, para não sofrer enjoos! ***Não cair na tentação de transformar pedras em pão***. Não queiramos devorar tudo e satisfazer imediatamente todas as nossas necessidades materiais. Para vencer esta tentação, façamos **jejum**. Sim, jejum! Sejamos radicais: vamos ao mais simples, ao mais natural, para **consumir apenas e só o essencial**. Entremos nesta *dieta*, não por cosmética corporal, mas para “*recuperar a nossa fisionomia de cristãos*”.

2.º **Levar apenas a mala de mão**, para não sobrecarregar o porão do navio. Não podemos cair na tentação de viajar pelo alto-mar, levando o mundo inteiro e a nossa casa às costas. Quantas vezes sonhamos, no mais curto tempo, conquistar o maior espaço possível de poder sobre *todos os reinos da Terra*. O excesso de peso não nos deixa elevar o coração para Deus. O remédio é o **culto da oração**. Quando rezamos, por exemplo, o Pai-nosso, o «eu» é uma palavra que desaparece do mapa. E Cristo volta ao leme da nossa vida! **Rezemos mais. Rezemos sempre**.

**3.º** Estender a mão a quem viaja connosco. Nesta “barca” ou se salvam todos ou não se salva ninguém. ***Não cair na tentação*** de querer *transformar todo o desejo em direito,* numa ambição desmedida e egoísta de bem-estar pessoal. O melhor remédio, para isto, é sair de si mesmo, ao encontro do outro, é **estender a mão**, dar a mão, é **partilhar o pão**, que se recebe, se agradece e se oferece ao outro, como um dom. **Gastemos menos connosco. Dêmos mais aos demais que têm de menos**.

4. “*Quarenta dias para chegar a bom porto”.* É bem tempo – meu irmão, minha irmã – de entrares neste *cais de partida*, para sermos poupados ao caos da destruição, para que seja salva a humanidade e a criação. Não fiques em terra, que dos 40 dias, três… já lá vão!

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 2016**

*“Durante quarenta dias no deserto, Jesus não comeu nada e, passado esse tempo, sentiu fome!” (Lc4, 2)*

1. *Dar de comer a quem tem fome* é a primeira obra de misericórdia. E até o diabo estaria disposto a amassar o pão, com o pó da pedra, para dar de comer a Jesus. Mas Jesus responde à tentação consumista, com a palavra das Escrituras: «*nem só de pão vive o homem*», a que se acrescenta «*mas de toda a Palavra que sai da boca de Deus*» (Deut.8,3; Mt.4,4b). E aqui está um bom princípio, a ter em conta, antes de qualquer obra de misericórdia: escutar a Palavra de Deus, dar primazia à escuta orante, obediente e efetiva da Palavra de Deus, porque é a Palavra que nos abre ao conhecimento do Deus vivo; é Ela que gera em nós o amor por Deus e por cumprir a Sua vontade. «*Basta percorrer as Escrituras para descobrir como o Pai bom quer escutar o clamor dos pobres*» (EG 187). O Deus que a Palavra nos revela “*ouve a nossa voz, vê a nossa miséria, o nosso sofrimento e a nossa opressão*” (Dt.26,4-10). É, precisamente em resposta a esta Palavra escutada, que vou ao encontro do outro, que grita, por mim, na sua miséria. Na verdade, quando uma pessoa necessitada clama a Deus, Ele quer responder-lhe através de mim!

**2.** Nesta primeira semana da quaresma, Jesus inspira as nossas palavras e obras. Ele sabe o que é ter fome da Palavra e fome do Pão. Ele identifica-se, quer com os que passam fome, quer com os que dão de comer. Com o seu jejum, Jesus ensina-me que não posso sentir a fome do outro como minha, se não sinto, na própria pele, a minha fome. Isto implica, na prática, a escolha de uma vida mais sóbria, mais austera, mais simples, valorizando a pequena migalha, para apreciar melhor o pão, alegrando-se com pouco (LS 223) pois, até no consumo dos bens, «*quanto menos, tanto mais*» (cf. LS 2232), quanto menos se consome, tanto mais se valoriza o que se come! Como poderá interessar-nos dar de comer a quem tem fome, se a nossa obsessão é andar atrás da última novidade, para comprar e possuir? Num estilo de vida egoísta, há ainda um vício que não nos ajuda nada a dar: o de usar e deitar fora; é a cultura do descarte, em que as pessoas e as coisas rapidamente se tornam «lixo» (cf. LS 22). Tudo isto supõe um caminho de transformação, a opção por um estilo de vida, que sai de si, para se deter no outro!

**3.** Nesta primeira semana da quaresma, saibamos «jejuar», para abrir em nós o apetite, que nos leve a «*dar de comer a quem tem fome*». E façamo-lo, *em primeiro lugar*, com a consciência de que ao dar de comer a quem tem fome não estamos a dar generosamente o que é nosso, mas a devolver aos pobres o que lhes pertence, a pagar-lhes uma dívida de justiça. Em segundo lugar, este dar só é obra de misericórdia, quando não é mera sobra, quando é um gesto perpassado pelo amor, pela ternura, pela amizade, pela proximidade, pela atenção, pela generosidade de coração. E, por último, «*quem pratica esta obra de misericórdia faça-o com alegria*» (Rm.12.8), porque «*Deus ama quem dá com alegria*» (cf. II Cor.9,7). Quando dou com alegria, converto-me num reflexo humano do Seu amor divino, entrego-me como instrumento da Sua feliz generosidade e consolação, torno-me canal da misericórdia divina, mergulho nesse rio de compaixão amorosa.

**4.** Porque estamos conscientes de que é Deus que opera em nós o querer e o agir, não deixemos de rezar esta semana, *antes e depois das refeições*. Este momento breve “*recorda-nos que a nossa vida depende de Deus, fortalece o nosso sentido de gratidão pelos dons da criação, dá graças por aqueles que com o seu trabalho fornecem estes bens, e reforça a solidariedade com os mais necessitados*” (LS 227). Se não for mais rezemos assim:

“*Senhor, que hoje nos dais o pão de cada dia,*

*dai-nos fome de justiça,*

*para dar de comer a quem tem fome”.*

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 2013**

1. “*O Papa vai renunciar a 28 de Fevereiro”.* Estremeci, incrédulo, com a notícia, que me chegava, em primeira mão, pelo testemunho de um casal amigo. Parei tudo o que estava a fazer, e entrei, de imediato, num turbilhão de pensamentos e sentimentos, que me assaltavam, incrédulo, entre a tristeza de um adeus antecipado, e a admiração, por uma humildade inédita e corajosa. Fugi, a correr, para casa, para ver com os meus próprios olhos, para ouvir de viva voz. E a palavra, de rodapé, em todos os canais de televisão, era a mesma: *Renúncia.* *Bento XVI vai renunciar*.

**2.** *“Renúncia”* tornou-se então a palavra mais falada e mais ouvida, mais escrita e mais comentada, de toda a semana! O gesto profético, da renúncia ao pontificado, de um Papa, um ancião cansado, e um sábio humilde, que dá pelo nome de Bento XVI, vale bem por todos os seus tratados de teologia, fala mais alto que todas as suas homilias, chega mais longe, que os seus livros ou encíclicas. Eis um gesto, que deu a volta ao mundo, um gesto que faz história, por parte de um Papa, que os menos avisados diziam «*passar à história*». O grande filósofo grego Aristóteles disse, um dia, que trocaria toda a sua filosofia por um símbolo. E este Papa traduziu toda a sua vida, de padre, de teólogo, de bispo e todo o seu pontificado, num gesto inédito, dizendo com espantosa serenidade: “*sim, renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos Cardeais em 19 de Abril de 2005*”.

**3.** E assim, o Papa fez jus à sua condição de “*humilde trabalhador da vinha do Senhor*”, com que se apresentou, no dia da sua eleição. Numa humildade, que nos enternece e estremece, Bento XVI veio dizer ao mundo, veio dizer à Igreja, que renuncia, “*por não ter forças, para cumprir adequadamente o seu ministério”*; renuncia, para dar lugar a outro, em nome do maior bem da Igreja. Com isso, Bento XVI vem dizer a todos os que se julgam *os poderosos deste mundo*, de dentro ou de fora da Igreja, que os cargos não nos tornam importantes, que os títulos não são a nossa glória, que nenhum poder tem interesse, quando já não servir para servir. E que a oração e o sofrimento, na humildade e no escondimento, são também modos de ser e de servir a Igreja. O seu gesto de renúncia põe assim em causa uma certa forma de estar na Igreja e de pensar a Igreja, e acaba mesmo por denunciar “a *hipocrisia religiosa, o comportamento dos que querem aparecer, as atitudes dos que buscam o aplauso e a aprovação*” no grande palco deste mundo. Ora, como bem disse o Papa, na passada 4ª feira de cinzas, “*o verdadeiro discípulo não se serve a si mesmo ou ao seu “público”, mas serve ao seu Senhor, na simplicidade e na generosidade*”. E acrescentou “*o nosso testemunho será sempre mais incisivo quanto menos buscarmos a nossa glória*” (Homilia, 4ª Feira Cinzas 2013).

**4.** Queridos irmãos e irmãs: E precisamos nós de melhor comentário ao evangelho das tentações, do que esta renúncia do Papa? O Papa, ao retirar-se de cena, não se importando de «*morrer para o mundo*», numa vida inteiramente «escondida com Cristo em Deus» (Col.3,3), mostra-nos quanto é preciso superarmos a tentação de sermos importantes, de termos mais, de parecermos bem e de aparecermos muito. Deus, e não a nossa fama, é a prioridade! Deus, e não o nosso prestígio, é a prioridade! O lugar de Deus, e não a nossa posição, é a prioridade! Bento XVI ensina-nos, com este exemplo de renúncia: «*Deus, e não eu, é a minha prioridade*»!

Foi essa a opção de Jesus, frente ao tentador. As três tentações resumem-se afinal numa só: a de querermos manipular Deus, servindo-nos dEle, para os nossos próprios interesses, para a nossa glória e para o nosso sucesso e prestígio. Jesus renunciou a tudo isso. E, esta semana, o Papa deixou-nos o seu exemplo, para que o façamos também.

**5.** E a nós, cabe-nos portanto renunciar a outras coisas, para dar o primeiro lugar a Deus, na nossa vida. Estamos na 1ª semana da Quaresma e, dentro da nossa dinâmica pastoral, o desafio é *aparelhar a barca* e «*dizer adeus ao cais*». Perguntemo-nos então: *Que lugar tem Deus na minha vida? Que terei eu de renunciar, para dizer «adeus ao cais»?* Que pesará a mais na “*embarcação*” da minha vida? O que será preciso eu deixar em terra ou deitar por terra, para que Deus tenha em mim o primeiro lugar? A que bens deste mundo, terei eu de renunciar, para Deus goze de prioridade e o seu amor esteja sempre em primeiro lugar?

Sabemos bem, que hoje não é fácil escolher Deus, pôr de lado tantas coisas, pedir perdão pelos próprios defeitos, dar maior espaço à oração e ao silêncio interior, usar de misericórdia para com todos, escolher um estilo de vida simples e humilde. Num mundo pagão, todos os dias a nossa fé é tentada a entrar na onda deste mundo. E, por isso todos os dias, é preciso fazer escolhas: é sempre a escolha de Deus, a nossa escolha, por Deus. E isso comportará sempre a renúncia a mim mesmo e às minhas coisas. É isso, na prática, o que significa, nesta primeira semana, «*dizer adeus ao cais*». Isto e nada mais!

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 2010**

**1.** Vemos, ouvimos e lemos, na mais antiga profissão de fé do Povo eleito: “*O Senhor ouviu a nossa voz, viu a nossa miséria, o nosso sofrimento e a opressão que nos domina!*” Deste modo, ao apresentar, no altar, os primeiros frutos da terra, o israelita professava a sua fé no Deus da misericórdia, o Deus da compaixão, o Deus que se inclina lá do alto, o Deus que percorre as estradas do nosso caminho, ouve o fundo grito do abismo donde nos encontramos, e aproxima-se, para ver a nossa miséria, o nosso sofrimento e a opressão que nos domina! Não se trata, portanto, de um Deus distante, impassível ou insensível, indiferente, à nossa dor. “*Se Deus não pode padecer*”, - dizia São Bernardo – “*Ele pode compadecer-se*”! O Povo de Israel pôde descobrir, na libertação do Egipto, o rosto de um Deus, que se compadece, que é solidário com a paixão e o sofrimento dos seus filhos! Em Jesus Cristo, nós vislumbramos, em carne viva, um Deus para quem a pessoa humana tem um valor tão grande, que Ele mesmo Se fez Homem, para padecer com o ser humano, para sentir a fome e a sede, a tentação, a privação e a provação, até ao extremo da sua fome de justiça e da sua sede de amor, na Paixão e morte de Cruz! “*A partir daqui entrou em todo o sofrimento do mundo alguém, que partilha o sofrimento e a sua suportação; a partir daqui propaga-se em toda o sofrimento a consolação do amor solidário de Deus*” (Bento XVI, Spe Salvi,39)!

**2.** A “compaixão” será, portanto, o caminho a percorrer, ao longo de toda esta Quaresma de 2010! Uma Quaresma vestida de misericórdia, mais do que sacrifício (Mt.12,7), uma quaresma solidária e compassiva. Viveremos a Quaresma, parando e reparando, olhando e tomando parte do sofrimento do próximo, que, na berma da estrada, clama e chama por nós e, na sua indigência, nos obriga a responder e a sair de nós mesmos! A compaixão não se confunde com a simples pena ou o lamento inútil. Ela manifesta-se sobretudo no cuidado atento pelo outro, na resposta espontânea à miséria do irmão! Compadecer-se implica sofrer com o outro e pelo outro; implica sair de si mesmo, para acolher o outro, e tomar como suas, a dor e a necessidade dos irmãos! Só assim se torna verdadeira, para nós, a paixão por Deus e se torna real, para os outros, a paixão de Deus, por cada um deles!

**3.** De facto, não há compaixão possível, sem as entranhas do coração em movimento. “*O Senhor fez-nos sair”,* dizia-se na mais antiga profissão de fé do povo eleito. Por isso vos digo: as práticas *do jejum, da esmola e da oração* só hão-de valer, na medida em que nos fizerem sair de nós mesmos, abrindo o nosso “eu” à comunhão com Deus e, graças a Ele, à comunhão com os outros. Isso torna-se possível, através da oração. A oração é uma força serena, que não nos deixa entorpecer, perante os abalos e sofrimentos da vida. Nela bebemos energias indispensáveis de compaixão! Mas a oração e a compaixão, são facilitadas pela prática do jejum, isto é, através de uma vida mais simples e mais sóbria!

**4.** Queridos irmãos e irmãs: Nesta Quaresma, encontraremos, por certo, pessoas feridas e excluídas, despojadas, oprimidas, deprimidas ou reprimidas! Podemos e devemos curar uma ferida, enxugar uma lágrima, acompanhar uma solidão, prestar um serviço! Não passemos ao lado (cf. Lc.10,25.37). Aproximemo-nos. Só aproximando-nos do outro, poderemos vê-lo, cuidar dele, perder algum do nosso tempo e porventura algum do nosso dinheiro!

**5. Neste Ano de Missão**, deixemos irradiar e espalhar, por toda a parte, este suave perfume da compaixão, este bom odor de Cristo, sempre compassivo e compadecido de nós! Queremos que a nossa Paróquia, através do testemunho de compaixão, dado por cada um dos seus fiéis, se aproxime sempre e cada vez mais dos corações atribulados, abra os olhos, veja e toque as diversas feridas dos seus filhos, para as sarar, com a ternura de Deus, e as perfumar com o suave odor do amor de Cristo! A nossa proposta concreta vai mesmo ao ponto de sinalizar, com as cruzes da missão 2010, os grandes lugares da paixão de Cristo hoje e da compaixão, que se traduzirá da nossa parte, em “**obras de misericórdia**”. Comecemos por dar de comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede: fome de pão, sede de água, ou, que sabe, fome de um pouco mais de atenção e sede de um simples gesto de consolação!

Assim havemos de chegar à Páscoa, com as nossas cruzes floridas, exalando por toda a parte o suave perfume da Ressurreição do Senhor!

**HOMILIA NA MISSA COM CRIANÇAS - FESTA DA PALAVRA 2010**

1. Jesus partiu sozinho para o deserto. Curiosamente, a palavra “deserto” («midbar»), na língua hebraica, tanto pode significar “*lugar solitário*”, como significar: “*Eu falo*”. Nesse sentido, o deserto é, ao mesmo tempo, o lugar do silêncio e é o lugar da Palavra!
2. Por isso, no deserto, quando é tentado, Jesus recorre constantemente à Palavra de Deus. Jesus encontra nas Sagradas Escrituras a resposta adequada a cada tentação! Tem a resposta, na ponta da língua. E o coração na boca. Tem, como diz a Escritura, a “*Palavra perto de si, na sua boca e no seu coração*” (Rom.10,8; Dt.30,14).
3. Por isso, a todas as insinuações, seduções e provocações, que lutam dentro de si ou à sua volta, Jesus responde com palavras da Escritura. «*Diz a Escritura*», é uma espécie de refrão de Jesus, para uma resposta imediata, e por três vezes certeira. Em vez de dar ouvidos a vozes populares, Jesus escuta a Palavra de Deus e deita mão dela. Só essa Palavra lhe merece confiança, só essa Palavra é, para ele, uma «*Escritura*», “*uma palavra viva, que interpela, orienta, forma e molda a sua existência*” (cf. N.M.I. 39).
4. Esta Festa, que hoje celebramos com os meninos do 4º ano, quer pôr em evidência, a importância da Palavra de Deus na nossa Vida. Às vezes, julgamos que esta Palavra está longe, está muito alta. Mas não. Ela está perto. Perto da boca, perto do coração. É preciso aprender a lê-la, a escutá-la, a dar-lhe olhos e ouvidos! Em muitas situações da nossa vida, sobretudo nas mais difíceis, a Palavra de Deus é como um farol dos nossos passos, ou como a luz dos nossos caminhos.
5. Para Jesus, como para nós, a Palavra de Deus é como uma bússola, que nos orienta, nos vários desertos da nossa vida. Disse o Papa Bento XVI, aos jovens (2006):“*Exorto-vos a adquirir familiaridade com a Bíblia, a conservá-la ao alcance da mão, a fim de que seja para vós* ***uma bússola****, que indique o caminho a seguir. Lendo-a, aprendereis a conhecer e a seguir Cristo*”!
6. E há ainda pouco tempo, disseram os Bispos, reunidos em Roma: “A **família**, por detrás dos muros domésticos com as suas alegrias e os seus dramas, é um espaço fundamental para nele entrar a Palavra de Deus. Aliás, a Bíblia está toda ela constelada de pequenas e grandes histórias familiares. A transmissão da Palavra de Deus é feita exactamente através das gerações, pelo que os pais se tornam os “*primeiros arautos da fé*” (LG 11). Cada casa deverá, então, ter a sua Bíblia, guardá-la de modo concreto e digno, lê-la e rezar com ela (Mensagem do Sínodo dos Bispos, sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja, 24.10.2008, n.12). É este o sentido do gesto tão belo da Entrega da Bíblia às crianças, pela mão do pároco, que, por sua vez, a recebe das mãos dos pais!
7. Estamos a iniciar a Quaresma e Jesus recorda-nos que “*nem só de pão vive o homem, mas de toda a Palavra que vem da boca de Deus”*! Procuremos dar mais tempo, mais vez e mais voz à Palavra de Deus, dentro da nossa Casa, para que ela seja o farol dos nossos passos e a luz dos nossos caminhos de vida e de missão!

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 2007**

«***O amor não é invejoso, não é altivo, nem orgulhoso***» (I Cor.13,3)

**1.** Assim descreve o amor, São Paulo, no célebre *Hino à Caridade*, que esta Quaresma nos servirá de inspiração, para a contemplação do Amor na Cruz. Estas três negativas, que excluem do amor divino (ou do autêntico amor) tudo o que seja a **inveja, a altivez e o orgulho**, são-nos representadas, com especial clareza, na cena das tentações de Jesus.

1.1. Perante a possibilidade de orientar a sua vida pela facilidade do milagre, Jesus escolhe o caminho do Amor; desse amor, que **não é invejoso**, desse amor que se dá inteiramente, desse amor que “não pensa em oferecer apenas ajuda material” (DCE 28), pois sabe que o coração do homem tem fome de Deus. E que a falta de Deus é realmente a maior pobreza do Homem.

1.2. Confrontado, logo a seguir, com a possibilidade de conquistar todos os reinos da Terra, Jesus escolhe o caminho do amor, desse amor que **não é orgulhoso**, desse amor de Deus, que busca apenas o coração do Homem, como sua Terra prometida.

1.3. Perante a última tentação, a da emoção de subir às alturas e daí cair espetacularmente, Jesus escolhe o caminho da comoção e do amor, desse amor, que **não é altivo**, que caminha raso pelo chão, que desce à nossa miséria, que se compadece, para daí nos levantar.

Numa palavra, Jesus escolhe o caminho do Amor.

Na Cruz, Jesus não tem pão em abundância; tem sede do amor de cada um de nós.

Na cruz, Jesus não é um Deus do poder esmagador, mas um Deus que mendiga o amor da sua criatura.

Na cruz, Jesus não se perde nas alturas, “*antes nos atrai a si, para se unir a mim, para se unir comigo, para que eu aprenda a amar os irmãos com o seu mesmo amor*”.

**2.** Queridos irmãos e irmãs: Dando seguimento ao plano pastoral de 2006-2007, centrado na afirmação “*Deus é Amor*” (I Jo.4,8) iremos percorrer o nosso caminho para a Páscoa, tendo como primeira finalidade fortalecer a nossa fé no Amor. Queremos acreditar que “o Amor é possível”, apesar de tantos erros e fracassos, apesar de tantos sonhos desfeitos (Bento XVI, MJMJ 2007). Nós queremos viver a Quaresma, como tempo de descoberta, consciência e vivência do amor de Deus. Para chegar aí, concretizaríamos este tempo favorável, nas seguintes dimensões:

**1º. Fazer da Quaresma, um tempo de Oração contemplativa:**

«*Hão-de olhar para Aquele que trespassaram*» (Jo. 19, 37), é o lema da mensagem do Papa para a Quaresma. Dirijamos então o nosso olhar com participação mais viva, para Cristo crucificado que, morrendo no Calvário, nos revelou plenamente o amor de Deus. Naquele amor que vai até ao fim, **acreditamos que o Amor é possível**.

\* Em casa, nossa “Igreja Doméstica”, **adoremos e contemplemos a Cruz**, onde Deus mostrou quanto nos ama e quanto deseja que correspondamos ao seu amor. Seria tão belo se começássemos e acabássemos o nosso dia, com **o sinal da Cruz, bem feito e bem rezado**.

Podíamos abster-nos de algum tempo de conversa fiada ou de televisão ou de computador, para meditar, em cada sexta-feira da Quaresma, **ao menos um mistério doloroso do rosário**. Na folha dominical, são dadas sugestões simples, para um tempo de deserto, de silêncio, oração e adoração, à volta da Cruz.

\* Isso não impede, antes pede, que passemos, pela Igreja paroquial, nos recolhamos em silêncio, diante da imagem do Crucificado. “*A coisa mais importante é o silêncio. Não poderemos pôr-nos directamente na presença de Deus, sem nos obrigarmos a um silêncio interior e exterior. É a razão pela qual devemos habituar-nos ao silêncio do espírito, dos olhos e da língua*” (Madre Teresa)

**2º. Fazer da Quaresma, um tempo eucarístico:** “Quando olhamos para a Cruz, todos ficamos a saber quanto Deus nos amou. Quando olhamos para a Eucaristia, ficamos a saber quanto Ele ainda nos ama” (Madre Teresa). Do *lado trespassado de Jesus, brotam «sangue e água*»” (Jo 19, 34)! «*O sangue de Cristo flui em nós, especialmente no mistério eucarístico. Vivamos então a Quaresma como “tempo eucarístico*”. A Eucaristia não é uma repetição. Em cada dia ela pode ser a surpresa do encontro com o Amor. Para isso:

\* Procuremos a Eucaristia, com uma fidelidade ainda mais delicada, mais pontual, mais participada; participada do princípio ao fim, desde o cântico de entrada ao cântico final. Participada, sempre que possível, e por que não, também em dias da semana?! Como é possível ter apenas 5, 10 ou 15 pessoas em algumas missas da Semana, em duas Paróquias desta dimensão?!

\* Nas terças-feiras, dias 6 e 20 de Março, na Capela do Centro Pastoral, podemos adorar o Santíssimo Sacramento, entre as 21h00 e as 22h00.

\* Aindana linha de uma preparação mais cuidada e delicada, para a Eucaristia, está a conversão e arrependimento dos nossos pecados, pela celebração do **Sacramento da Reconciliação.** Como é possível haver tantos fiéis na Missa, sem nunca comungar? E como é possível tantos fiéis na Missa a comungar, sem nunca se confessar, ao menos, uma vez por ano?! “*No caminho quaresmal, somos exortados a abrir-nos, num abandono confiante, ao abraço misericordioso do Pai*”.

Para esta celebração da Reconciliação, as crianças e adolescentes (e pais) da Catequese têm horários próprios, já (a)fixados. Os demais fiéis podem confessar-se às quartas, das 10h30 às 12h00 e aos Sábados, das 9h30 às 12h30. Haverá um dia, para uma celebração comunitária da Reconciliação com confissão e absolvição individuais (31 de Março).

**3º. Fazer da Quaresma, um tempo de Caridade**

“*Contemplar «Aquele que trespassaram» estimular-nos-á a abrir o nosso coração aos outros, a combater qualquer forma de desprezo pela vida e de exploração da pessoa e a aliviar os dramas da solidão e do abandono de tantas pessoas*”, diz-nos o Papa. *Não precisamos de procurar ocasiões para cumprir este mandamento: temo-las vinte e quatro horas por dia naqueles que nos rodeiam*» (Madre Teresa).

Como sinal material da nossa conversão ao amor de Deus, podemos dar um contributo. Na Diocese do Porto, o Contributo Penitencial de 2007 destinar-se-á, a duas instituições: a Fundação “*O Bom Samaritano*” e a Diocese de Meliapor. Os bens que tal Fundação recolhe destinam-se a formar agentes para prevenir e assistir os que contraíram SIDA, principalmente em África. A Diocese de Meliapor fica na Índia e pede-nos ajuda para a construção de uma casa de Retiros. Podem deixar esta Oferta na Caixa de Nossa Senhora das Dores, junto à imagem maior do Crucificado, na Igreja de São Gonçalo, durante toda a Quaresma.

**5.** Como vedes, irmãos, não se trata de uma Quaresma, voltada para nós e centrada no nosso esforço. Mas de uma Quaresma, voltada para Deus e concentrada no seu Amor. O mais importante, nesta Quaresma, é que as nossas palavras e práticas nos ajudem a acreditar que o amor é possível, e que nós somos capazes de o praticar, porque fomos criados à imagem de Deus, que é Amor (DCE 39).

«*A Quaresma seja para cada um de vós, uma experiência renovada do amor de Deus que nos foi dado em Cristo: amor que, por sua vez, todos os dias devemos, «dar novamente» ao próximo, sobretudo a quem mais sofre e é necessitado. Só assim poderemos participar plenamente na alegria da Páscoa*».

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 2004**

**1.** Tem a resposta na ponta da língua. E o coração na boca. Tem, como diz a Escritura, a “*Palavra perto de si, na sua boca e no seu coração*” (Rom.10,8; Dt.30,14). Por isso, a todas as insinuações, seduções e provocações, que lutam dentro de si ou à sua volta, Jesus responde com palavras da Escritura. «*Diz a Escritura*», é uma espécie de refrão de Jesus, para uma resposta imediata, e por três vezes certeira.

Jesus – como nos apercebemos - recolhe-se no deserto, lugar seco do silêncio, onde Deus conduzia o seu Povo, para lhe falar ao coração (cf.Os.2,16). É aí, que Jesus, o Filho de Deus, cala o ruído de quantos O querem meter ao barulho ou fazer subir ao palco da fama ou O chamam para a vã glória de mandar. Perante tão apetecíveis desafios, Jesus pondera, no silêncio do coração, as suas opções e avalia os seus caminhos. Mas, em vez de dar ouvidos a vozes populares, Jesus escuta a Palavra de Deus e deita mão dela. Só essa Palavra lhe merece confiança, só essa Palavra é, para ele, uma «*Escritura*», “*uma palavra viva, que interpela, orienta, forma e molda a sua existência*” (cf. N.M.I. 39). Inclinando os ouvidos para essa Palavra, Jesus mantém-se fiel à vontade do Pai e deixa-se guiar pelo Espírito Santo, na hora em que a sua carne dá já sinais de fraqueza.

**2.** Ele é, na verdade, - como se tornou público desde o Batismo no Jordão - o «*Filho de Deus*». Mas é o Messias, que não usa de nenhum outro poder, nem se vale de nenhuma outra arma, que não estejam também ao nosso alcance: o silêncio, a oração, o jejum, para dar prioridade absoluta à Palavra de Deus e à sua vontade. São as armas de vitória do Homem novo. A cada assalto do pensamento ou a cada sobressalto do desejo, Jesus responde simplesmente recorrendo à Palavra de Deus, a essa Palavra que lhe brota do silêncio e da intimidade com o Pai, como “chuva que desce à terra e não sobe sem ter produzido o seu efeito, sem ter realizado a sua missão” (Is. 55,10). Jesus sai vencedor deste combate, no lugar onde o Povo de Deus caíra. Ele não se deixa seduzir por nenhuma lógica de apetite do poder ou de prazer, graças à familiaridade intensa que mantém com a Palavra de Deus, fazendo da sua vontade o seu alimento (Jo.4,34).

**3.** Queridos irmãos: Creio que a confusão dos dias que vivemos e o ruído de tantas ocupações e preocupações, não nos permitem sequer parar para medir forças, para avaliar os terrenos que pisamos, para tomar decisões de maneira consciente e livre, e não por arrasto ou imitação. Talvez vivamos como «*arameus errantes*» (Deut.26,5), sem tempo para considerar as múltiplas seduções, que o mundo nos oferece e verificar como tantas das suas propostas nos aliciam a desertar do caminho do evangelho. É preciso confrontar a nossa vida, aferir e conferir as nossas atitudes, ver e rever os nossos comportamentos. E fazê-lo sempre, no silêncio da consciência e da oração, *à luz da Palavra de Deus*. Não começar nem acabar o dia, não ir para a vida nem regressar dela, não deitar mãos à obra nem a dar por concluida, não dizer nada nem calar tudo, não decidir nem fazer de qualquer maneira, sem a ***consulta prévia da Palavra de Deus***.

Em vez de dar ouvidos aos adivinhos, aos fazedores de opiniões e aos novos pregadores de televisões e multidões, é preciso acorrer e recorrer à Palavra. Que diz o Evangelho a respeito desta situação que estou a viver? Que Palavra da Escritura pode iluminar a difícil decisão que tenho de tomar? Que pensamento da Bíblia pode ajudar-me a perceber o que verdadeiramente se está a passar comigo? Que diria Jesus diante deste problema?... Esta é a forma concreta e correcta de nos deixarmos guiar pelo Espírito: perguntar à vida pelo rumo que leva… e procurar na Palavra de Deus a resposta do seu sentido justo e verdadeiro.

**4.** Temos insistido, ao longo destes últimos Domingos, na importância da Palavra de Deus. E a Quaresma só vem reforçar esta nossa condição de ouvintes da Palavra, na certeza de que “*nem só de Pão vive o Homem*” (Deut.8,3; Lc.4,4). Foi-nos mesmo proposto um Curso Bíblico, para nos ajudar a tomar, entre mãos, a Palavra como Pão para a boca. Outros dirão de imediato e apressadamente, que isto da Bíblia na família ou a tal familiaridade com a Palavra… são desejos impossíveis, porque falta o tempo ou o saber, como se a Palavra fosse reservada aos desocupados ou aos sábios e inteligentes.

**5.** «Que diz a Escritura? “A Palavra, que hoje te prescrevo, não é muito difícil para ti, nem está fora do teu alcance. Não está no céu, para se dizer: ‘*Quem subirá por nós até ao céu e no-la irá buscar para a escutarmos e praticarmos?*’ Não está tão pouco do outro lado do mar, para se dizer: ‘*Quem atravessará o mar e no-la irá buscar para a escutarmos e praticarmos?*’ A Palavra de Deus está muito perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a poderes praticar (Deut.30,11-14)». Caríssimos irmãos: Para dar prioridade à Palavra, talvez nem seja preciso acertar o relógio. Bastará mudar de canal e sacrificar outros tempos de antena. Vereis então que, por tal jejum, também o deserto estará tão perto. Se o nosso coração estiver aberto. Estou certo, porque assim o diz a Escritura…

Homilia no I Domingo da Quaresma C 2001

**1.** Da água do Jordão, à cinza e ao pó do deserto, Jesus vive e caminha animado e guiado pelo «*fogo*» do Espírito Santo. Jesus prepara-se para o «fogo» do sacrifício no «*lenho da Cruz*» em Jerusalém, mergulhando, desde logo, o seu Batismo na secura extrema do deserto, terra de solidão e de nenhuma companhia. Aí Jesus, como o Povo de Deus, de quem é Filho, luta contra a tentação de transformar a dolorosa subida para Jerusalém numa espetacular descida de nível, acima da nossa condição humana, abaixo da sua condição divina.

Jesus tem de optar entre o esforço calado da subida e o deslize aparatoso da descida. Entre a fome insaciável da Palavra de Deus ou a barriga farta do pão quente de todos os dias; tem de optar entre a força humilde do amor ou o poder absoluto da razão e da vontade próprias. Tem de optar entre o amor próprio da vaidade ou a glória brilhante e apagada da Cruz. A última tentação, no percurso interior de Jesus, condu-lo a Jerusalém. O lugar é, de facto, inevitável. A escolha recai agora e apenas sobre o caminho para lá chegar. E Jesus escolhe a Cruz!«*Olhai que subimos a Jerusalém*! – diz Ele, mais tarde aos discípulos - *E o filho do Homem vai ser entregue... vão condená-lo à morte e entregá-lo aos gentios... Hão de escarnecê-lo, cuspir sobre ele e matá-lo*» (Mc 10,33; Lc.9,52, Lc.18,31).

**2.** «*Olhai que subimos a Jerusalém*» Com estas palavras, o Santo Padre, fazendo eco do convite de Jesus aos discípulos para O seguirem até à Cruz e com Ele se comprometerem até ao fim, desafia-nos também a nós, homens e mulheres de hoje, a "*subirmos a Jerusalém*". E fá-lo com especial ênfase neste tempo de Quaresma, «*tempo favorável para a conversão e para encontrar a plena comunhão com Cristo, participando intimamente no mistério da Sua morte e ressurreição. Por isso, a Quaresma representa para os crentes a ocasião propícia para uma profunda revisão de vida*» (Mensagem do Papa para a Quaresma 2001, n.1).

**3.** Depois do entusiasmo jubilar, o mais natural seria, de facto, «*cairmos na* iludida *saciedade* dos grandes feitos *ou no relaxamento* esgotado dos pequenos efeitos» (cf. N.M.I. 15). E deixarmos ser “Quaresma” simplesmente, sem nada «acontecer», como se esta não passasse de mais uma sucessão sabida e enxabida de quarenta dias, sem pena e sem glória. Há, de facto, quaresmas cinzentas. Quaresmas obrigadas, cansadas, quaresmas de rotina, em que tudo está bem, programado e previsto, e nada está bem. O costume: com as Cinzas, no princípio, para alguns apenas, e o fogo, no fim, para poucos ou menos ainda. Passando assim pelas Cinzas da Quaresma e pelo fogo da Páscoa, «*como o gato pelas brasas*». Cinzados como sempre, cinzentos ainda.

Mas não. Nós queremos viver esta Quaresma com um espírito de fogo. Com aquele mesmo fogo do «*Espírito, que conduziu Jesus ao deserto*» (Lc.4,1). Na certeza de que o Senhor insufla no pó de que somos feitos «*um Espírito que dá vida*» (cf. Gén.2,7). Na certeza de que o Senhor está e caminha connosco. Ele nos acompanha com a sua graça, «*no meio da adversidade*» (Sal.90), no meio das inevitáveis tentações, desvios e quedas, paragens, até de alguma marcha-atrás ou estacionamentos sempre proibidos na nossa vida.

Como na vida de Jesus, Satanás sempre espreita a nossa solidão e o nosso desejo, a nossa fraqueza e o nosso cansaço, para se atravessar no nosso caminho e nos fazer “cair” das alturas... para onde nos seduziu e atirou.

**4.** As tentações continuam. E são, em primeiro lugar, a tentação de «passar ao lado» deste tempo ou a tentação de passar «por cima»... dos apelos que nos são dirigidos nas comoventes mensagens da Liturgia Quaresmal. “*Nos nossos dias, não faltam baptizados que, perante o exigente convite para empreender a "subida para Jerusalém", adoptam uma posição de surda resistência e, às vezes, até de aberta rebelião. São situações* - diz o Papa na sua Mensagem para esta Quaresma - *em que a experiência da* ***Oração*** *se vive de modo bastante* ***superficial****, de modo que a* ***Palavra de Deus******não incide*** *sobre a existência. Muitos consideram* ***insignificante*** *o próprio Sacramento da* ***Penitência*** *e a* ***Celebração Eucarística*** *do domingo é vista simplesmente como* ***um dever*** *a cumprir*”. *Surda resistência*, dos que não querem ouvir, dos que não têm tempo... para «rezar com a Bíblia» ou para «rezar em família»... dos que julgam nem precisar de «rezar», ou de «escutar a Palavra» que afinal está perto e está no coração (cf. Rom,10,8 = Dt.30,14)... *Aberta rebelião* dos que recusam aceitar e pedir, por meio da Igreja, a Palavra, o Pão e o Perdão... de Deus. Como se alguém pudesse dar a si mesmo o que não vem de si próprio.

# Homilia no I Domingo da Quaresma - C 1998

**1.** «*Extasy*». A palavra d'ordem no circuito da diversão. «Extasy» ou, se quiserem, «*estar fora de si*». Droga leve, não para ir *mais além de si* e encontrar-se no outro. Mas para fugir de dentro de si e perder-se por aí. «*Extasy»,* ou se quiserem, as *trevas exteriores* do nada e do vazio. Sintoma de uma civilização, toda ela projetada para o exterior, voltada para fora. O silêncio dá medo. Não se consegue viver, trabalhar, estudar sem ruído de vozes ou de música ao redor. Há uma espécie de horror do vazio, que leva ao atordoamento. *Nunca a sós*... e, por fim, *sempre sós*.

**2.** E todavia, neste início da Quaresma, o exemplo de Jesus, traz o apelo a uma experiência nova: *a partida para o deserto*. A busca de um lugar «*a sós*» que nunca nos deixará «sós». Deserto: não o «*sair de si*», para esquecer. Mas o «*entrar em si*» para se recolher, no coração do Pai. Não o «*sair para fora de si*», para se negar à relação, mas um «*cair em si*» para voltar à comunhão. Jesus vai ao deserto. É o «Filho» que sente e pressente a dependência amorosa da ternura do Pai e se volta para Ele. Como que regressa «*ao ventre materno*», à intima comunhão de amor. É o «Filho» que na saudade do «*primeiro amor*», se afasta do mundo, para se aproximar do Pai. Aí, a sós, Ele se encontra diante do Pai, na companhia do Consolador, o Espírito que O torna livre e O fortalece na sua opção pelo Reino*. Com esta experiência singular, Jesus testemunhou a sua entrega total à vontade do Pai.*

**3.** Neste início do caminho para a Páscoa, convido-vos, caríssimos paroquianos, a esta «passagem para dentro», a este regresso ao mais íntimo de vós próprios. Trata-se de «*voltar ao coração*», de regressar a essa morada interior, a esse «*templo espiritual*», onde verdadeiramente Deus nos habita e nos possui desde as origens da nossa vida. Num tempo que suspeita da interioridade e convida à dispersão, à fuga do centro vital do nosso ser, para um activismo desenfreado, há que ter a coragem de «cair em si» e «voltar a casa», de reiniciar o caminho de regresso, a *viagem de viragem* da nossa Vida. Tal implicará, de princípio, fechar todas as cinco portas de saída e dispersão que são os nossos sentidos e abrir a janela de entrada, o coração, por onde sopra o Espírito, por onde Ele entra e sai, por onde circula e respira.

**4.** [E vós, Jovens, os mais assediados por esta onda da diversão], reagi contra esse assalto e, em vez de fugir, buscai lugares e tempos de silêncio e de contemplação para, de tempo em tempo, vos reencontrardes, e em vós mesmos reencontrardes a Deus. Assim podereis ultrapassar a "barreira do som", essa terrível barreira entre nós e Deus]. Sto. Agostinho confessou um dia: «*Tu estavas dentro de mim e eu fora de Ti. Tu estavas comigo, mas eu não estava contigo"...* Por isso, um dia, o mesmo Santo, nos advertiu: *«Reentra em teu coração! Para onde queres ir distante de ti mesmo? Estando distante hás de perder-te. Porque te colocas em estradas desertas? Deixa este caminho que te conduz fora do rumo; volta ao Senhor. Ele está pronto».*

Que o Espírito Santo nos conceda a graça de fazermos esta Páscoa nova, que consiste em *passar do Egipto da dispersão e da dissipação, para a Terra prometida do coração*. Passagem da exterioridade à interioridade, do barulho ao silêncio, da dissipação ao recolhimento, da dispersão à unidade, de mim ao outro, do mundo a Deus!

**Homilia no I Domingo da Quaresma C 1995**

Não são fáceis os dias que vivemos. Não é liso e reto o caminho da nossa Vida. É árido o nosso tempo. É-nos adversa a nossa vida. É desenfreada a luta para vencer. A rotina das horas, o cansaço do trabalho e o stress, atiram-nos para o desespero até, quando batemos no limite das nossas forças...

São muitas as vezes que nos sentimos atirados para o meio do mundo, como vítimas às feras, perdidos numa terra de ninguém, num «deserto» de solidão e de provações. Sem defesas. O ar que se respira não é de maneira a aliviar-nos das tensões e muito menos favorável a uma pausa, à reflexão, ao retemperar das forças físicas e/ou das energias interiores...

Quase desfeitos pela crueza da vida, cada um de nós experimenta um «combate» sem tréguas, uma difícil provação, para não perder a sua fé ou para não desistir do seu caminho...

Este tempo assim, de deserto e angústia, de combate e solidão, é terreno permeável a tentações insidiosas. Frágil, fraco, só...o homem torna-se «presa fácil» do Tentador. Isto é, embrulhado pelas coisas e desnorteado pelas pressas, o homem vê-se sem defesas nem resistência. Deus fica ausente, sem lugar nem força na nossa Vida... Não há mais lugar para ele. É neste clima de dispersão e esgotamento que está aberto o caminho para todas as tentações...

1. A tentação de procurar esquecer os apelos interiores, procurando a satisfação aparente e enganadora no consumo voraz de todas as coisas. Em vez da Palava para se alimentar, o homem procura apenas o pão para comer...

2. A tentação de travarmos este combate sozinhos, isolados no combate, como se fôssemos os «senhores» da nossa vida, dispensando a ajuda de Deus e ainda a dos outros.

3. A tentação, no limite do desespero, de irmos em busca de «salva-vidas», tentação de nos deixarmos *encantar* por novos «Messias» que a publicidade bem sabe promover: as seitas, com os seus líderes bem-falantes e os seus livros atraentes.

No fundo, a tentação maior é sempre a de «descer da Cruz», entrar *no país das maravilhas*, fugir ao projeto de Deus, recusar dar-lhe lugar e depender d’Ele...mergulhar no caminho fácil. Foi esta a primeira e a última tentação de Cristo. Descer da Cruz, afastar-se do caminho para o Pai. Mas Ele que a experimentou e venceu está connosco. Está connosco, para connosco fazer o caminho para a Páscoa, o caminho do regresso à Casa do Pai...

Não estamos sós. Nem desprovidos de forças para vencer o combate. Havemo-lo de vencer, pela força de Cristo em nós.

Onde havemos então de encontrar, nesta terra deserta de vida, «**força para viver**»? No **Espírito** de Cristo que está connosco... quando dermos lugar à **escuta da Palavra** e mergulharmos sem medo a nossa fé na **Oração**... Está n’Ele, em Cristo, a única e verdadeira «**força para viver**»! Só por ele clamamos para avançar no caminho: «*Estai comigo, Senhor, no meio da adversidade. Estai comigo, Senhor*»!